

PRIMEIRAS QUESTÕES SOBRE PSICANÁLISE E NEUROCIÊNCIAS¹

Sonia Alberti²

RESUMO:

Este trabalho retoma a questão psicanálise e neurociências a partir de um estudo histórico tanto das posições sustentadas nas discussões teóricas quanto do movimento discursivo em torno do tema surgido no século XIX: alma x cérebro.

Para tanto, são trabalhados os textos de Freud atualmente relidos no âmbito das neurociências, articula-se a relação da psicanálise com as ciências e é retomado o estudo histórico publicado esse ano sob o título *Crepúsculo da alma*.

Pude identificar, grosso modo, dois movimentos: o da cientificação das disciplinas que, até então, se ocupavam da alma, ou seja, com a finalidade de incluí-las no rol das ciências, a redução metodológica de suas práticas, que cada vez mais exilam os discursos a insistirem na subjetividade; e o da insistência da importância da subjetividade. Com Lacan, tal movimento se baseia na especificidade da referência simbólica para a pesquisa da subjetividade. O que associa esse movimento com a ciência não é a experimentalidade mas as consequências dos avanços da matemática e da história, ambos determinando uma nova forma de ver o mundo.

Palavras-chave: psicanálise, neurociências, história, discursos.

Esse trabalho deriva do texto em que Lacan situa a psicanálise como ciência da causalidade psíquica. Com isso, deixo claro de saída que esse trabalho é uma introdução aos desdobramentos para mim necessários de modo a melhor situar as contribuições que a psicanálise pode dar a questões que advirão com o progresso das pesquisas neurocientíficas. Se inscreve, portanto, no contexto das conexões da psicanálise, mesmo sabendo que tanto Freud, quanto Lacan, partiram de uma tomada de posição frente ao organicismo.

¹ Este texto se baseia no trabalho apresentado em 2001, durante a Odisséia Lacaniana, e publicado depois em *Heteridade* – Revista da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, no. 2. Além disso, retoma questões desenvolvidas em meu último livro *Crepúsculo da alma* – a psicologia no Brasil no século XIX. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2003.

² Psicanalista; membro da Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano; Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. alberti@uerj.br.

No caso do "Projeto para uma psicologia" (1895), o que vemos é um neurólogo do século XIX quebrar a cabeça para explicar fenômenos que a neurologia da época não consegue determinar. Com isso, fizera avançar tanto a ciência neurológica, a ponto de Sigmund Freud ainda hoje ser citado em artigos contemporâneos como um dos construtores de seu corpo teórico, quanto extrair dela uma teoria do funcionamento energético quantitativo baseada na hipótese de que o processo evolutivo exige uma capacidade cada vez maior de processar de maneira mais complexa as Q_ (quantidades de energia) para dar conta não só de responder mais eficientemente ao meio ambiente mas, sobretudo, armazenar energia com este fim. O modelo criado por Freud, se sustenta numa hipótese muito simples: a de que o sistema nervoso deriva de uma evolução do animal unicelular que interage com o meio para incorporar o que necessita desse meio e expelir o que não quer. "As pulsões orgânicas conservadoras" então assumem as mudanças impetradas em decorrência das modificações decorrentes dessa incorporação, armazenando-as para a repetição produzindo "a impressão enganosa de forças que visam a modificação e a evolução quando procuram apenas alcançar a velha finalidade por velhos e novos caminhos" (Freud, 1920:247-8), qual seja, a *Befriedigung*, a satisfação, ou melhor, como observou várias vezes Lacan, a pacificação, finalidade de toda pulsão. Esse modelo da célula original é tão cheio de conseqüências para Freud que é retomado em dez páginas diferentes somente em seu texto "Mais além do princípio do prazer", ou seja, vinte e cinco anos depois de sua criação.

Em 1895, a idéia de Freud é que o armazenamento provocado pelas, assim chamadas em 1920, "pulsões orgânicas conservadoras", produzirá uma diferenciação no sistema que reage com o meio – o sistema nervoso – de modo que fique cada vez mais complexo, até criar uma rede de neurônios que já não têm mais contato direto com o meio e que ficam, por isso, mais protegidos de receberem estímulos excessivamente fortes, o que lhes permitirá trabalharem com quantidades de energia menores e, sobretudo, em decorrência do armazenamento, *constantes*. Premissa absolutamente necessária para a construção de toda teoria pulsional em psicanálise, segundo a qual o objetivo da pulsão é somente o retorno ao circuito. "Essa articulação nos leva a fazer da manifestação da pulsão o modo de um sujeito acéfalo, pois tudo nele se articula em termos de tensão e só tem relação com o sujeito enquanto comunidade topológica" (Lacan, 1963-4:203)³. Se o inconsciente, como diz Lacan, se situa nas hiências da distribuição dos investimentos significantes, o corpo também é estruturado conforme a unidade topológica das hiências

³"Cette articulation nous amène à faire de la manifestation de la pulsion le mode d'un sujet acéphale, car tout s'y articule en termes de tension, et n'a de rapport au sujet que de communauté topologique" (idem).

em jogo (idem)⁴. Eis o que Lacan já antevia quando opunha a idéia da psicogênese à teoria organo-dinâmica de Henry Ey, em 1946. Observe-se que na conclusão a que chega Lacan [na passagem acima citada do *Seminário 11*], ele deduz a estrutura do corpo como unidade topológica, do saber psicanalítico sobre o inconsciente e de sua relação com a pulsão. Progressão que poderíamos, contrapor ao desenvolvimento seguido por Freud que parte do estudo do corpo – os neurônios – para dela derivar as duas leis fundamentais do funcionamento psíquico. Se isso o atrapalhou um pouco para poder precisar a pulsão como limítrofe entre corpo e psiquê, precisão que Lacan pode trazer justamente no *Seminário 11*, isso, no entanto, foi fundamental para estabelecer a *konstante Kraft* que por si só é suficiente para justificar um destronamento do instinto pela pulsão.

Podemos então retomar daqui a idéia de Freud e postular que, à medida que o aparelho psíquico vai armazenando energia, através dos trilhamentos nos neurônios ditos por ele impermeáveis (que não permitem a passagem de energia com facilidade), e à medida em que vão se criando trilhamentos laterais para suportar esse armazenamento, a história da evolução criou tantos neurônios que, por mais que haja trilhamentos eles terão espaço de sobra para se fazerem. Porque já não se trata de uma questão de neurônios mas de estrutura psíquica, em que os armazenamentos se fazem conforme, sobretudo, a maneira de se organizar do processo primário: a via associativa, e cujas injeções organicistas foram traçadas pelos neuropsicólogos seguidores de Helmholtz (cf. Roudinesco e Plon, 1997:329-30). Com efeito, é no século XIX que definitivamente se separam duas correntes de pensamento: aquelas que buscam sustentar uma determinação fisiológica para os atos psíquicos, na tentativa de fazer do estudo da psicologia uma ciência o mais próximo possível das ciências que se desenvolvem a partir da mensuração dos fenômenos e, de outro lado, as psicologias que não se sustentavam da premissa de que "só as forças físicas e químicas, com exclusão de qualquer outra, agem no organismo" (idem) porque se fundamentavam ainda nas verdades de uma filosofia que era sustentada sobretudo por religiosos que insistiam na causa espiritual (cf. "História", abaixo). Como já pode escrever Flávia Solero de Campos, em 2001:

⁴Si l'inconscient, comme le dit Lacan, se situe dans les béances de la distribution des investissements signifiants, aussi le corps est structuré en raison de l'unité topologique des béances en jeu (idem).

“Se o linguístico está equiparado ao “cultural”, “socialmente construído”, o não meramente linguístico torna-se sinônimo de “biológico”, “fisiológico”, “instintivo”, invariante, portanto. Esta divisão, aparentemente tão nítida, parece em vias de saturação; tornou-se comum a queixa de que o campo psi e, mais especificamente, a psicanálise, “deixou de lado”, ou “abandonou” o corpo, definido de várias maneiras, de acordo com o referencial teórico do autor (ver por exemplo, Campos, 1997; Birman, 1999, Silva, 1996)” (Campos, 2001:3-4).

É com Freud que se materializa o espírito; como diria Lacan mais tarde: se o inconsciente é linguagem, se “o significante se define como agindo, antes de mais nada, como separado de sua significação” (Lacan, 1966:875) e se o objeto da psicanálise é o objeto *a* (idem:863), então a psicanálise é materialista, tal o materialismo histórico (idem:876).

Observe-se que esse materialismo, não sem beber na fonte das pesquisas físico-químicas que deram a Freud, como já visto, a base-trampolim para aceder a ele, recupera o conceito aristotélico de matéria, na sua maior especificidade. Com efeito, para Aristóteles a matéria é “possibilidade” da estruturação da substância, sem ser esta substância. Ele deriva do conceito de série (*steicos*), e dos instantes de cada série (*stoikeia*) que devem ser observados como perfilados um após o outro, em série⁵. Se podemos dizer que o objeto *a* é “sem ser esta substância”, o que faz série, os “instantes de cada série”, são os traços unários que compõe as cadeias significantes, o que nos remete imediatamente ao “Seminário IX” de Jacques Lacan. É nesse Seminário, na lição de 20 de dezembro de 1961, que Lacan define de forma bastante significativa para mim o conceito freudiano de *Vorstellungsrepräsentanz*, como o primeiro par significante, em que S2 representa S1, S2 enumera uma *Vorstellung* que já não está lá, como as pegadas de Sexta-feira, em Robinson Crusoé, deixando inscrito seu traço que a presentifica no que Freud pode imaginarizar no modelo do aparelho psíquico no Cap. VII da *Interpretação dos Sonhos*, ou seja, S2 equivale a S1, inaugurando, com isso, as séries do automatismo de repetição. A partir daí, diz Lacan, o organismo é “aspirado pelos efeitos do ‘isso fala’ em decorrência do fato de que um vivente entre os outros foi chamado a advir ao que o Sr. Heidegger nomeou como o pastor [, não das ovelhas, mas] do ser⁶, tendo sido capturado nos mecanismos do significante. Isso, diz Lacan explicitamente nessa lição de seu Seminário, já não permite confundir a função da pulsão com a “imanência vital”, pois a própria pulsão é submetida ao mesmo automatismo de repetição e cujo modelo mais próximo já não é biológico mas lógico. Daí Lacan prosseguir no campo da lógica nesse

⁵Cf. DESSOIR, Max *Die Geschichte der Philosophie*. Berlin, Ullstein, 1925. pp. 151-4.

⁶*Berger de l'être*

Seminário. Infelizmente não poderei desenvolver tudo isso que é digno de longas articulações, mas terei que ir direto ao ponto que me faz evocar essas passagens do Seminário IX: até que ponto, essas séries, essas cadeias significantes que visam o automatismo de repetição e que, com a ajuda de Lacan já encontramos perfeitamente estabelecidas em Sigmund Freud, até que ponto não poderiam ser associadas à lógica binária que compõe, por exemplo, a memória de nossos computadores?

De todo modo, já nesse Seminário, Lacan distingue definitivamente a memória orgânica da memória que interessa a nós, analistas. Diz: a memória orgânica responde sempre da mesma forma à mesma "sucção do real", independente do organismo estar se defendendo ou mantendo a homeostase, "pois o organismo não reconhece o mesmo que se renova enquanto diferente. Nossa memória é outra coisa: ela intervém em função do traço unário que marca a vez única e tem por sustentação a inscrição" (lição de 16 de maio de 1962). De um lado, a série, em que 0 e 1 se equivalem; de outro, o que está fora da série, como Lacan dirá algumas sessões depois. Eis o que singulariza a clínica da esquizo, característica da abordagem do sujeito pela psicanálise, e que é a referência a um sujeito cujas inscrições significantes fazem série, deixando de fora dessa série o que não pode encontrar equivalências - sempre simbólicas.

História.

Não é de hoje que data a discussão entre alma e cérebro. A partir do estudo publicado este ano, no livro *Crepúsculo da alma – a psicologia no Brasil no século XIX*, pude observar os conflitos entre os saberes nos quais os discursos de psicologia se desenvolvem no Brasil. Paradigmatizados no título de dois autores anônimos que, em 1876 e 1877, criticam a obra do Visconde de Araguaia, Domingos Gonçalves de Magalhães, "A alma e o cérebro", os conflitos do século XIX não deixam de ter questões que ressurgem com a polêmica entre psicanálise e neurociências. Com efeito, observamos no texto freudiano original a explícita menção à alma, não poucas vezes e, ao mesmo tempo, não poucos autores que se aprofundam hoje no conhecimento das neurociências, se utilizam do próprio legado freudiano para determinar seus fundamentos (em particular, o "Projeto para uma psicologia", de 1895 e o texto sobre "As afasias", de 1891). Da mesma forma que os estudiosos da psicologia do século XIX tenderam para uma relação entre psicologia, organismo e cérebro, sustentando-se em alguns traços dos discursos que tratam da autonomia do eu para avançar em seus objetivos, os autores da psicanálise, no século XX, defendem ora uma psicanálise que se sustenta nas

formulações neurocientíficas, ora uma psicanálise totalmente independente dos avanços científicos.

Procuro identificar tendências e demonstrar a importância do estudo histórico para uma melhor compreensão do que acontece hoje, fundamentada sempre na questão de Georges Canguilhem, de 1958, “O que é psicologia?”. Por outro lado, se nos atemos ao texto de Jacques Lacan, é forçoso observar que há um problema com o conceito “ciências humanas”.

Com o positivismo, as ciências do homem foram colocadas no topo do edifício das ciências experimentais (Lacan, 1953:284) e, se por um lado com isso foram reconhecidas, por outro, “em realidade, subordinadas”. “Essa noção provem de uma visão enganosa da história das ciências, fundada sobre o prestígio de um desenvolvimento especializado da experiência” (idem). As razões que determinam tal engano certamente têm suas origens no próprio movimento ideológico e mesmo econômico da revolução burguesa, como pude observar em meu livro *Crepúsculo da alma* para o caso do Brasil. Não poderemos retomá-las aqui pois pretendo avançar um pouco nessa história. De todo modo, o que se observa é que dois grandes movimentos se impuseram a partir daí:

o da cientificação das disciplinas que, até então, se ocupavam da alma, ou seja, com a finalidade de incluí-las no rol das ciências, a redução metodológica de suas práticas, que cada vez mais exilam os discursos a insistirem na subjetividade. Assim, por exemplo, o que se verifica hoje nesse movimento é que a própria psicanálise – certamente um saber com consistência teórica – é reduzido a uma *folk psychology*, ou seja, a uma psicologia popular, *acientífica*. Qualquer construção teórica que não siga as bases experimentais, são descartadas como *acientíficas*. Para tais autores, além disso, o conceito de ciência não deixa de ter sido afinado com o positivismo.

O da insistência da importância da subjetividade. Com Lacan, esse segundo movimento se verifica nos avanços particulares de algumas disciplinas, no século XIX, especialmente: a lingüística, a etnografia estrutural e a teoria geral dos símbolos. Lacan observa que tal movimento se baseia na especificidade da referência simbólica para a pesquisa da subjetividade. Para Lacan, o que associa esse movimento com a ciência não é a experimentalidade mas as conseqüências dos avanços da matemática e da história, ambos determinando uma nova forma de ver o mundo. Com efeito, somente a partir do Iluminismo (século XVIII) e, sobretudo, no século XIX foram encontradas as respostas para inúmeros problemas matemáticos até então impossíveis de resolver e que permitiram, para dar somente um pequeno exemplo, estudar as relações entre conjuntos – isso era impensável até então... Isso implicará as leis da intersubjetividade nas ciências

conjeturais, ou seja, no campo da lógica e da matemática moderna. Quanto à história, é também somente no século XIX que o homem pode fazer greve geral! – isso não é pouca coisa num mundo até então submetido à ordem do Um (só para retornar à referência matemática).

É claro que não podemos decidir rapidamente sobre as razões que levaram alguns a se integrarem neste ou naquele movimento, mas podemos identificar em alguns autores as tendências em alguns deles. Por outro lado, sendo esta questão bastante complexa, não nos cabe aqui qualquer juízo de valor sobre tais tendências, mesmo se nos identificamos sempre mais com uma ou com outra!

Ao mesmo tempo em que os discursos tentavam se inscrever a partir de uma relação com a ciência, três grandes práticas se desenvolviam nas cidades do século XIX: a medicina, o direito e a educação. Todas as três certamente foram produtos das mudanças econômicas, sociais e históricas. Em meu livro, tento examinar mais aprofundadamente a função da medicina para o nascimento dos discursos de psicologia no Brasil pois é nela que surge a nova tendência dos discursos sobre o organismo – em detrimento dos discursos da alma.

Como podemos inferir do texto que Freud introduz como apêndice da “Análise leiga” em 1927, é para se proteger da medicina que a psicanálise é uma psicologia. Por que se defender da medicina? Porque, segundo ele, desde o início houve uma importante reação negativa da medicina em relação à psicanálise, de forma que Freud chega a se perguntar se a tentativa dos médicos de apoderarem-se da psicanálise em 1926 – ou seja, quando já não havia mais a possibilidade de negar a sua importância – se essa tentativa não levaria ao risco de a psicanálise ser destruída pela medicina (Freud, 1927:343). Ou seja, Freud temia literalmente que a inclusão da psicanálise na medicina poderia esvaziar aquela de seu mais importante fundamento: o sujeito.

Com efeito, é preciso constatar que, para determinados meios científicos, o sujeito fica excluído como tema que não comporta a ciência e certamente o recrudescimento do misticismo, das religiões e de seitas é disso uma consequência. Eis o problema da expressão “ciências do homem”: o homem da ciência não existe, a ciência o exclui, mesmo se o discurso científico – com Descartes – dá lugar para a existência do sujeito. Inicialmente do auto-conhecimento, com Freud, do desconhecimento de si mesmo e, daí, da descoberta do sujeito do inconsciente. É do lado do sujeito, que a psicanálise também se inscreve, ao lado da lingüística, da etnologia, da antropologia, da história e da lógica-matemática. Dentre as psicologias, não somente a psicanálise, mas sem dúvida ela, do modo como queria Freud.

Por absurdo que isso possa parecer, ao longo do século XX a própria psicanálise conheceu destinos que, como temia Freud em 1927, quiseram esvaziar seu fundamento. Como Lacan pode avaliar, a tentativa de inscrever a psicanálise no discurso médico sem dúvida foi, às vezes, um dos responsáveis. Diante do embaraço que a clínica psicanalítica presentifica no cotidiano de sua prática, não poucas pessoas que se identificam como psicanalistas, muitas vezes que até receberam esses títulos de instituições, acabam por lançar mão de explicações que cientificamente explicariam o que nem Freud é capaz...

Haja vista a importante gama de psicanalistas que hoje buscam as neurociências para darem conta de fenômenos que eles gostariam de explicar. Pude encontrar em textos mais recentes, observações de grande pertinência e outros, bastante sintomáticos. Senão vejamos o seguinte exemplo, de 2001:

“Identificar os trechos na obra de Freud em que existem referências neurobiológicas e discuti-los à luz da Neurociência têm sido as diretrizes do trabalho mais comumente referido por alguns poucos que se interessam por este assunto. *Não tenho condições de fazer este trabalho aqui, porque me faltam conhecimentos da Psicanálise e da Neurociência.* [...] Os neurocientistas buscam novos caminhos e alguns já se abrem para encontrarem uma via comum para colaboração mútua. [...] percebemos que as possibilidades estão se abrindo, para que alguns eminentes neurocientistas, e nós psicanalistas, possamos representar um parceiro na investigação do psíquico” (Yusaku Soussumi, 2001:80)⁷.

Coloco esse texto em exergue não tanto para denunciar um problema bastante assustador na medida em que o autor é Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e se diz psicanalista, observando que lhe “faltam conhecimentos da Psicanálise”, mas para utilizá-lo como parâmetro do que pude perceber em minhas primeiras leituras sobre o tema: faltam conhecimentos!! E ponto. E na falta de conhecimentos, graça o júbilo da descoberta – que, em função do júbilo necessariamente é especular –, de que há imagens, termos, preocupações e questões semelhantes nos textos freudianos (em particular, nos primeiros) e nas neurociências. Testemunho, ainda do mesmo autor: há neurocientistas que começam a se interessar admirados pela obra freudiana. “Certamente, quando se mostra sem identificar, os escritos de Freud que contêm suas idéias neurobiológicas, como as contidas no ‘Projeto’, como fez Priban⁸, os neurocientistas aceitam como um escrito válido e significativo, e se admiram quando ficam sabendo quem é o autor” (idem:79). Há algo da ordem: puxa! Então há isso em

⁷ “Perspectivas para uma neuro-psicanálise” in *Psicanalítica – A revista da SPRJ*. Vol. II, no. 1, 2001.

⁸ Sic.

Freud?! E, em júbilo, o psicanalista a quem faltam conhecimentos de Psicanálise responde: “Sim! Vejam como Freud percebeu muita coisa!”.

Karl Pribram é um neurocientista, como vários outros, que, aliás, se interessaram a ir até o “Projeto” e estudá-lo. Os *Anais da Academia de Ciências de New York*, organizados por Bilder e LeFever (maio de 1998), por exemplo, versam inteiros sobre este texto freudiano para debater “Neuroscience of the mind on the centennial of Freud’s ‘Project for a scientific psychology’”. Como escreve o próprio Bilder no prefácio dos Anais: “Há aqueles que crêem que o próprio projeto representa o melhor de Freud e que desafortunadamente ele descarrilhou quando abandonou o ‘Projeto’, que tristemente ele perdeu seus objetivos iniciais que o teriam levado a uma psicologia fisiológica mas verdadeira. [...] há ainda aqueles que sugerem que a carreira pós-neurológica de Freud é o fundamento da maior doença que assolou a sociedade americana moderna (Torrey, 1992) [... e há finalmente aqueles cuja crítica] “se centra na crença de que as construções neurofisiológicas que ele [Freud] evocava eram já demasiado ‘psicologizadas’” (Bilder, 1998:x). Observa-se, então que, se há o testemunho do júbilo que chamei especular no texto de Soussumi, no qual o próprio autor jubila com as inúmeras conexões entre psicanálise e neurociências por ser este “um enorme campo a ser vasculhado, e onde pontificam as extraordinárias possibilidades de contribuições da Psicanálise” (Soussumi, op.cit.:101) e que relata a admiração que os textos de Freud provocam entre os neurocientistas, como já dito – e que, infelizmente, não pude ainda confirmar com minhas leituras nos textos destes –, há pelo menos também um grande número de neurocientistas que crêem que Freud se perdeu no caminho, adoeceu a América e psicologizou a ciência...

Na grande discussão que pude até agora acompanhar na medida de minhas possibilidades, ainda nos encontramos, na realidade, numa grande torre de Babel. Freud já o denunciava em 1891, em seu texto “Sobre as afasias”, quando observava, conforme retoma o eminente colega inglês, Conferencista Honorário em Neurocirurgia do St. Bartholomew’s & Royal London Hospital School of Medicine e Membro Associado da British Psycho-Analytical Society, Mark Solms, a seguinte pérola:

“Eu bem que sei que os autores a cujos pontos de vista me oponho não podem ser culpabilizados por erros grosseiros em seus estudos científicos. Obviamente eles querem dizer que as modificações fisiológicas da fibra nervosa através dos estímulos sensoriais produzem outra modificação nas células centrais que então se tornam *correlatos fisiológicos* do ‘conceito’ ou da ‘idéia’. Na medida em que eles conhecem melhor as idéias do que as modificações nervosas, que ainda estão indefinidas e desconhecidas, eles usam a frase elíptica: uma idéia está localizada numa célula nervosa. Agora, essa substituição leva, de

cara, a uma confusão de dois processos, que não precisam ter nada em comum entre si. Para a psicologia, a simples idéia é algo elementar, e pode ser claramente diferenciada da conexão com outras idéias. Eis porque se é tentado a assumir que seu correlato fisiológico, isto é, a modificação das células nervosas originada da estimulação das fibras nervosas, também pode ser algo simples e localizável. Mas tal inferência é, evidentemente, sem garantias; as qualidades dessa modificação devem ser estabelecidas por elas mesmas e independentemente de sua concomitância psicológica” (Freud in Solms, 1998:3)⁹.

A partir disso, qual a postura que hoje se observa nos textos dos neurocientistas? Eu já a denunciava em 2001, por ocasião da Odisséia Lacaniana: se crê que já estejamos no futuro apontado por Freud na frase “O futuro poderá nos ensinar a influenciar diretamente com substâncias químicas as quantidades de energia e suas distribuições no aparelho psíquico” (Freud, 1940), e se crê que hoje já saibamos exatamente quais as afecções psíquicas que efetivamente se beneficiariam das influências ‘eletroquímicas’, ou seja, se crê que já não existe qualquer indefinição nem desconhecimento quanto às modificações nervosas impetradas pelos estímulos e, em consequência desse grande engano, continuamos a fazer a mesma coisa que Freud denunciava em 1891: a frase elíptica segundo a qual, se podemos localizar uma idéia na cadeia associativa, correlativamente podemos localizá-la numa célula nervosa. Eis porque me referia a uma Babel: estamos diante a confusão de linguas e Freud já observava naquela época perfeitamente que se queremos estabelecer qualidades nas modificações celulares isso tem que ser feito de forma completamente independente em relação à toda e qualquer concomitância psicológica.

Problema, no entanto: se não há concomitância, se não há relação biunívoca entre o fisiológico e o psicológico, se a “idéia” é para a psicologia algo muito específico e definível somente na associação com outras idéias, tendo ela própria um caráter perfeitamente elementar, então o que fazer quando “*Não tenho condições de fazer este trabalho aqui, porque me faltam conhecimentos da Psicanálise e da Neurociência*”, como dizia Soussumi? Ou seja, até que ponto a associação de ambas estas linguas, ou seja, a associação de ambos os corpos conceituais e teóricos, vela um não saber que somente Soussumi teve a coragem de confessar?, mas que Freud já denunciava desculpabilizando “os erros grotescos de tais estudos científicos”?

⁹ “Before and after Freud’s ‘Project’” in *Annals New York Academy of Sciences*, maio 1998. Minha tradução livre. Negrinho meu.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, S. (org.) (1998) *Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizo*. Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos.
- ALBERTI, Sonia (2003) *Crepúsculo da alma – a psicologia no Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria.
- _____ (2001) "Critique d'une théorie organo-dynamique des neurosciences" in *Hétérité – Revue de psychanalyse*. Revue de l'Internationale des Forums du Champ lacanien, no. 2, décembre 2001. pp: 79-87.
- BILDER, Robert M. "Preface". In BILDER, R. and LE FEVER, Frank Frank *Neuroscience of the mind on the centennial of Freud's Project for a scientific psychology*. New York, Annals of the New York Academy of Sciences, 1998.
- BIRMAN, Joel (1999) *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- CAMPOS, Flávia Sollero de (2001) "Psicanálise e neurociência: dos monólogos cruzados ao diálogo possível". Tese de Doutorado, Dep. de Psicologia, PUC/RJ. Junho de 2001.
- _____ (1997) "O umbigo da psicanálise: a questão do corpo" in *Psicologia Clínica*. Pós-graduação e Pesquisa, PUC/RJ, v.8, n.8:21-49.
- CANGUILHEM, Georges (1958) "O que é psicologia?" in *Revista Tempo Brasileiro*, n. 30/1, Rio de Janeiro, 1972, jul./dez.
- FREUD, Sigmund (1895 [1940]) "Entwurf einer Psychologie" in *Gesammelte Werke*. Frankfurt a.M., Fischer Taschenbuch, 1999. Nachtragsbd.
- (1920) "Jenseits des Lustprinzips" in *Studienausgabe*. Frankfurt a.M., S.Fischer, 1972. v. III.
- (1927) "Nachwort zur 'Frage der Laienanalyse'" in *Studienausgabe*. Op. Cit., Ergzbd.
- (1940) "Die Psychoanalytische Technik" in *Studienausgabe*. Idem.
- DESSOIR, M. *Die Geschichte der Philosophie*. Berlim, Ullstein, 1925.
- LACAN, J. (1946) "Propos sur la causalité psychique" in *Écrits*. Paris, Seuil, 1966.
- (1953) « Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse » in *Écrits*. Op. Cit..
- (1959-60) *Le Séminaire, livre VII, L'éthique de la psychanalyse*. Paris, Seuil, 1986.
- (1961-2) "Le Séminaire, livre IX, L'Identification". Inédito.
- (1963-4) *Le Séminaire, livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris, Seuil/Points, 1973.
- (1966) "Science et vérité", in *Écrits*. Op. cit..

- McCLAMROCK, R. (1995) *Existential cognition*. Chicago & London, The University of Chicago Press.
- ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1997) *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- SILVA, I.A. (org.) (1996) *Corpo e sentido: a escuta do sensível*. São Paulo, Ed. UNESP.
- SOLMS, Mark "Before and after Freud's Project" in BILDER, R. and LE FEVER, F. *Neuroscience of the mind on the centennial of Freud's Project for a scientific psychology*. New York, Annals of the New York Academy of Sciences, 1998.
- SOUSSUMI, Yusaku "Afetos, emoções, instintos, psicanálise e neurociência" in *Alger – Jornal de estudos psicanalíticos*. No. 20 (1), 2001:75-106.